ANNO II — Lisboa, 26 de Março de 1921 — N.º 54

A UNIÃO

ORGÃO OFFICIAL DO CENTRO CATHOLICO PORTUGUEZ — Propriedade da Empreza de Obras Sociais

Director: A. LINO NETTO
Editor: ANTONIO FERREIRA ANTUNES
Redacção
Rua Augusta, 220, 1.º D. — TEL.: C. 1618

SEMANARIO
Numero avulso: $10

Administração
Beco dos Apostolos, 6, 1.º D.
Composto e impresso nas officinas da «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA», rua do Seculo, 49 — Lisboa.

O primeiro dever das organisações catholicas

«Non viderunt nisi solum Jesum»

Eis o grande principio de todos os catholicos: Em todas as suas acções não terem presente outro fim que—servir, amar e imitar Jesus. Ninguem poderá sacudir os defeitos da vida material e egoista que predomina em todas as sociedades esmagadas por imperfeições que vemos multiplicarem-se, sem procurar seguir tão autorisado Mestre.

Que grande felicidade para todos os povos se os individuos procurassem imitar aquele grande Amigo do genero humano no desejo de a todos aliviar e elevar, unir e amar! Em breve veriamos transformadas em exclamações de alegria feliz as desesperadas imprecações que nos enchem os ouvidos e que teem origem na frieza e no odio, na inercia e no egoismo que vemos imperar nas relações sociaes. Teem de incidir para este fim os primeiros e ultimos esforços de todas as agremiações de catholicos: Chamar a attenção de todos os que os cercam para a beleza e bondade da vida «espiritual» que nasce e se desenvolve em cada um dos dedicados a Jesus. E' ela tão intensa e fecunda, tão fascinadora e fortificante que quem a possue não mais conhece obstaculos que se oponham á progressão da esperança e da perfeição que se alargam até ao infinito.

E, desenganemo-nos, para o combate das paixões humanas, para aviventar o espirito de sacrificio tão necessario á reforma e vida nova que todos queremos, os esforços fracassarão se não tiverem por base aquela vida espiritual.

Se os nossos pensamentos e sentimentos se não fixarem na

A nossa gravura, reprodução dum dos mais belos quadros religiosos, representa o Mestre Divino num dos primeiros transes da sua Paixão redentora: ***A oração no Horto de Gethsemani.***

Cruz redentora, na via dolorosa do Mestre, como dominar as naturais repugnancias pelo sofrimento que tem de ser inseparavel companheiro dos que se devotam pelo proximo? Como poderemos perseverar nas obras de sacrificio pelo genero humano se temos o instincto natural a impelir-nos á satisfação das necessidades proprias primeiro que atender aos interesses dos outros? Queremos renovar a vida social da patria portugueza? Pois bem, façamos por vivificar e ascender em cada um de nós essa vida espiritual, essa união com Jesus. Só ele tem palavras de vida eterna que enchem este grande e insondavel abismo que é o coração humano. Os desejos do homem são tão ingentes e insaciaveis que se não tiverem por alvo Aquele Senhor e Amigo transbordarão em incessantes agitações que só perturbam e tornam mais cruel a permanencia sobre a terra. Esta vida social, que todos queriamos ver florir numa fraternidade sem fim e que, afinal, apezar de todos os esforços da apregoada sciencia e do progresso, não passará d'um acampamento de egoismos amargurados por incessantes miserias e dores, só se amenisará pela esperança em Jesus Cristo. Que ele reine e triunfe nos homens e veremos então que uma nova dignidade embelezará as nossas vidas alargando seus horisontes e faculdades a perspectivas inebriantes que farão esquecer as baixezas a que os interesses materiais deploravelmente nos teem conduzido.

Fora d'este caminho não ha obras sociais que melhorem a nossa condição, e antes quanto mais as multiplicarmos, sem este norte, maior será o numero de elementos perturbadores que só servirão para nos impelir a novas desgraças.

Sem que n'essas obras predomine a intensa acção religiosa é im-

possivel evitar que sirvam de arma na guerra social tão intensamente acesa por todas as congeneres que teem sido inspiradas na ideologia socialista, ou n'aquellas que a propria energia do ataque d'estas fez surgir no campo adverso ao seu. Sejam pois as obras sociaes catholicas, em primeiro logar, um «fermento energico da vida christã» pelo exemplo que os seus elementos deem de mutuo amôr e de uma estreita ligação com o Mestre Divino. Se assim se fizer, o ideal que conforta os corações e os eleva de modo a terem por minimas as miserias da terra, Jesus Nosso Senhor emfim, abrandará o rigor d'esta lucta em que o mundo se debate e fará generosas as nossas obras, que serão o preludio do Reino de Deus que esperamos.

J. G.

Valor moral e juridico da assembleia que pronunciou a pena de morte contra Jesus Christo

Não deve ser indiferente a ninguem, a catholicos, a não catholicos e aos proprios indiferentes o conhecimento de quanto de atrabiliario e de iniquo se passou n'esse famoso processo deicida que levou ao patibulo infamante da Cruz o Innocente dos Innocentes, Jesus Christo.

A assembleia que presidiu aos ultimos dias da vida nacional do povo judeu, e sobre a qual peza uma responsabilidade excepcional, cuja repercussão atravessará todos os seculos, por ter chamado á sua presença e condemnado á morte Jesus Christo, tem na historia um nome á parte, chama-se: *o synhédrio.*

O que valia o synhedrio no tempo de Jesus Christo, tanto em relação ao valor moral das pessoas que o constituiam, como sob o ponto de vista do direito hebraico, o que valeu esse singular processo por elle formulado contra Jesus Christo, di-lo esse notabilissimo e profundo estudo feito pelos illustres Padres Lemann, trabalhado sobre os pergaminhos e códices judaicos, e sobre os historiadores da epocha.

O synhedrio, constituido por 71 membros, recrutados em trez classes, a classe sacerdotal, a classe dos escribas ou doutores da lei, e a classe dos anciãos, que eram escolhidos entre as pessoas mais respeitaveis da nação, tinha atribuições da maxima latitude, e era soberana nas suas resoluções.

Até uma dada epocha gosava do direito de sentenciar sobre a vida ou morte dos seus subditos, mas convem desde já saber-se que o proprio synhedrio se impôz a si mesmo uma certa restricção na applicação d'este direito; durante muitos annos a sentença de morte para ser valida e legal só podia ser proferida na *sala das pedras talhadas*, uma das dependencias do Templo. Sucede porém com grande desgosto e desolação dos judeus que vinte e trez annos antes do processo de Jesus, o synhedrio fôra privado do direito de condemnar á morte; foi quando após a deposição do rei Archelau, a Judéa foi reduzida á situação de provincia do imperio romano, cujos procuradores cassaram á notavel assembleia o *jus gladii*.

N'estas condições, o synhedrio teria ainda pela legislação vigente o direito de censurar a doutrina de Jesus Christo, de fulminar contra elle a pena de excomunhão; tudo isso estava ainda nas suas atribuições; mas se ousasse pronunciar contra Jesus uma sentença de morte, praticaria a mais manifesta violação da lei romana.

Mas é interessante saber-se desde já, qual o valor moral, qual a integridade moral das pessoas chamadas a pronunciar-se no processo de Jesus, pois esse conhecimento ha de derramar intensa luz sobre a celeberrima causa deicida.

O que valiam como julgadores Caiphaz, Annaz, Pilatos, essa trindade sinistra que figura no drama da Paixão, todos o conhecem já, tão decisivos e claros são os depoimentos dos evangelistas, dos historiadores coevos, e da propria tradição que os trouxe até nós com o estigma que a historia implacavel nos seus juizos lhes atribue.

Mas os juizes eram 71, e portanto a elucidação perfeita sobre tão grave processo, só póde obter-se colhendo elementos de informação sôbre o valor moral da maioria, pelo menos, dos famosos julgadores, e os Padres Lemann puderam com a historia na mão dizer-nos o que valiam como figuras da mais hedionda moralidade cerca de quarenta magistrados do synhedrio.

Dado o abuzo inqualificavel, que já contava meio seculo, de nomearem e destituirem arbitrariamente os summos sacerdotes, cuja promoção na epocha de Christo se tornara objecto d'um verdadeiro trafico, a tal ponto que o proprio Talmud regista em termos plangentes e sentidos a venalidade e instabilidade do soberano Pontificado judaico, sucedeu que ao tempo do processo de Jesus, o synhedrio contava um grande numero de summos sacerdotes depostos e muitos sacerdotes simples, filhos ou parentes d'aquelles, o que só por si desqualificava a mais cathegorizada secção da notavel assembleia.

E assim, Caiphaz era genro de Annaz, e esta figura sinistra, altiva e cruel sentava ao seu lado no synhedrio os seus cinco filhos Eleazar, Jonnathas, Theophilo Mathias, Anano, e Simão Boêto; este, plebeu d'origem, mas guindado ás culminancias do sacerdocio a preço da filha, essa linda Judia que conseguiu enlouquecer o celebre rei Herodes, estava representado no synhedrio por seus trez filhos, Joazar, Eleazar, e Simão Cautero; a historia porém diz-nos qne estes cavalheiros, na sua quasi totalidade, eram individuos sem probidade, nem moral, e que todos esses summos sacerdotes que annualmente se succe-

diam no cargo d'Aarão, não passavam de mizeraveis intruzos.

Flavio José refere-nos a seu respeito scenas edificantissimas e o Talmud, que aliás é sempre prodigo em elogios para os nativos do seu paiz, fala assim dos famosos julgadores de Jesus Christo:

«Que flagelo a familia de Simão Boêto; malditas as suas insidias e as suas disputas! Que flagello a familia d'Annaz, malditas as suas mordeduras viperinas! Que flagello a familia de Cautero, malditas as suas pennas! Que flagello a familia de Ismael ben Phabi, malditos os seus punhos cerrados». E assim prosegue em termos candentes contra essa horda de ambiciosos, de glutões, de immoraes, de hypocritas, de vingativos, de sanguinarios, que presidiram ao julgamento de Jesus Christo, e cuja hipocrisia, cuja podridão o Salvador mais de uma vez pôz a descoberto e estygmatisou.

Com raras excepções, entre as quaes avulta a de Gamaliel, a secção do synhedrio, constituida pelos escribas ou doutores da lei, não valia mais do que a dos famosos pontifices judaicos, a sua indignidade roçava pela dos primeiros, e ainda hoje é tradicionalmente conhecido o orgulho e a avidez que distinguiu aquelles legistas, entre os quaes se apontam figuras sinistras como a de Simão, filho do bom Gamaliel, mas amigo intimo d'aquelle famoso bandido João de Giscala, cuja crueldade e excessos provocaram o saque de Jerusalem, ordenado por Tito, como a de Jonathas ben Uziel, inimigo figadal de Jesus, pelo que irradia Daniel da classe dos prophetas, como a de Samuel Kakkaton, o auctor da celebre imprecação contra os christãos, conhecida na historia pela designação de *Benção dos apostatas*; como a do orgulhoso e amoral incredulo Jochanan ben Zachai, vil cortezão de Tito, o destruidor da sua patria, e como R. Chanania, condemnado á morte pelos romanos, após a tomada de Jerusalem.

A ultima secção do synhedrio, constituida pelos anciãos do povo judeu, era a que dispunha de menos prestigio, de menos influencia; talvez por isso, são raros os nomes dos personagens que figuraram no processo de Jesus, que chegaram até nós.

Sabe-se em todo o caso que sendo elles recrutados na classe mais abastada e assim a historia nos diz que d'ella faziam parte os tres Cresus da cidade santa, Nicodemus, Schebona e Tsit-tsit, classe onde imperava dominador, o saduceismo, precursor das doutrinas dos epicuristas e materialistas, ao tempo do processo de Jesus os seus membros eram na sua maioria, excepção feita de Nicodemus, e José d'Arimatea, genuinos materialistas, como se provou, quando, a proposito da declaração de S. Paulo, na presença do synhedrio, de que era phariseu e filho de phariseu, ali se estabeleceu grande celeuma e apaixonada discussão, entre phariseus e saduceus. O que valeu ao Apostolo das gentes a sua liberdade e a sua salvação.

Uma vez conhecido o valor moral da maioria dos magistrados que constituem o supremo tribunal do povo judaico, era facil prever a decisão final do processo instaurado contra Jesus, condemnado á morte.

Como poderia ser outra a sentença proferida por sacerdotes degenerados, ambiciosos e intrigantes, fiados na vinda d'um Messias que pisasse aos pés todos os seus inimigos, quando pela frente lhes surgia um homem extraordinario que se fartara de desmascarar a sua piedade ficticia e de apoucar a consideração e o prestigio de que gosavam?

Como poderia ser outra a sentença proferida por escribas e juristas infatuados e orgulhosos, que sonhavam com a vinda d'um Messias que, á semelhança de Salomão, lhes permitisse estabelecer em Jerusalem uma academia de sabios, perante a qual viessem genuflectir todos os reis da terra, como outr'ora desfilaram perante a rainha de Sabá, quando afinal lhes apparece pela frente como réu um homem singular, que dizendo-se o Messias, tinha a audacia de declarar bemaventurados os humildes e os pobres, estigmatisando perante as multidões a linguagem altiva e pretenciosa dos doutores da lei?

Como poderia ser outra a sentença proferida por anciãos, na sua maioria saduceus corruptos, cujo ideal epicurista se reduzia a gosar a vida futura, sonhando com a vinda d'um Messias que lhes desse a centralisação em Jerusalem de todos os bens e commodidades do mundo inteiro, que seria escravo e vassalo do povo judeu, quando afinal lhes surge pela frente, para julgarem, um homem extraordinario que, longe de ligar, como elles, importancia aos bens e ás dignidades da terra, prescreve aos seus discipulos que se despojem d'eles?

Valor juridico do processo

Mas se o valor moral dos julgadores de Jesus não fosse por si só sufficiente para se prognosticar sem receio a sentença deicida, o estudo do processo, e o valor juridico dos seus actos não deixavam a nenhum espirito imparcial a menor duvida ácerca da iniquidade sem limites, praticada ha cêrca de dois mil annos em Jerusalem contra o Homem Deus. Vejamos:

Antes de Jesus Christo ter sido publicamente arrastado á presença do supremo tribunal, este havia já reunido tres vezes secretamente, para discutir os gestos do Filho de Maria, os seus milagres e a sua doutrina; e as tres decisões tomadas, após as referidas reuniões, provam á saciedade que o synhedrio havia resolvido condemnar á morte o Homem Deus, ainda antes de Jesus ter sido chamado ao tribunal, como reu.

No primeiro conciliabulo clandestino, em setembro de 781, Jesus foi denunciado como falso propheta, isto é, como homem digno da pena capital, e procedeu-se assim, como lealmente observou Nicodemus, sem ouvirem o pretenso reu, e sem se tomar conhecimento do que elle fez.

Numa segunda reunião secreta, realisada em fevereiro de 782, por ocasião da ressurreição de Lazaro, Caiphaz não se limita, como na primeira se fez, a propôr, de uma maneira indirecta, a pena de morte para Jesus, pronunciou, com todo o prestigio da sua auctoridade pontificia, a sentença formal da condemnação á morte do Justo dos Justos: «é preferivel que um só homem morra». E esta sentença deicida é proferida sem citarem o condemnado, sem o ouvirem, sem acusação, sem prova testemunhal, e sem investigarem

sequer ácerca da sua doutrina e dos seus milagres. Foi pronunciado, sem lhe imputarem o crime de sedição ou revolta, mas apenas porque era forçoso deter o curso dos seus milagres e impedir que o povo acreditasse n'Elle.

E todo o synhedrio ratificou servilmente esta sentença. Desde esse dia a morte de Jesus ficou irrevogavelmente decidida. Só faltava determinar a ocasião e os meios de executar a decisão deicida.

Ousará alguem nutrir ainda duvida ácerca da sorte que espera o Salvador no dia em que fôr descoberto, preso e arrastado á presença do synhedrio?

Numa terceira reunião, a 12 de março de 782, convocada expressamente para determinar o dia e a maneira de se apossarem de Jesus, haviam já resolvido adiar para depois das festas da Paschoa a prisão de Jesus Christo, receiosos de que o povo se amotinasse por esse motivo, quando Judas, o traidor, lhes aparece, e se compromete pelo preço vil de trinta dinheiros a entregar-lhes Jesus, ficando então assente que o Salvador fosse detido no primeiro momento favoravel.

De modo que ainda Jesus Christo não tinha sido citado para comparecer perante o *venerando* tribunal e já o seu suplicio estava aprazado para o primeiro ensejo favoravel. Já se viu veredictum mais iniquo, decisão mais criminosa e arbitrariamente tomada?

Como foram observadas as formalidades legaes pelo synhedrio no processo de Jesus

O povo judeu, como povo civilisado, possuia regras de justiça positivas dictadas pela voz dosprofetas e pela sabedoria dos seus legisladores; constam do Pentateuco e dos restantes livros do Antigo Testamento; mas a jurisprudencia judaica, nos seus principios e na maneira de os interpretar, transmi ia-se por via da tradição, tradições que se acham devidamente compiladas ha 17 seculos n'um livro celebre — *A Mischna*, obra do Rabi Juda, sendo sobretudo no trabalho *dos Sanhedrinos* que nós encontramos elementos preciosos para nos elucidarem sobre o famoso processo de Jesus.

Para os nossos leitores formarem um juizo seguro sobre o nefando caso, basta, em vista da estreiteza do espaço, referir as irregularidades e violações mais flagrantes da legislação penal do tempo:

1.ª — irregularidade: — a lei judaica prohibia que o synhedrio funccionasse de noite para julgar uma questão capital, e todavia Jesus é arrastado á presença do famoso tribunal *de noite*, como diz S. João.

2.ª—irregularidade: Os juizes iniciaram o julgamento depois do sacrificio da tarde, e a lei dizia: *só reunirão desde o sacrificio da manhã até ao sacrificio da tarde.*

3.ª — irregularidade: — Era o primeiro dia dos asymos, vigilia, da Grande Festa da Paschoa, e a lei prescrevia: *não julgarão na vigilia d'um dia de festa.*

4.ª irregularidade:—Jesus é interrogado no tribunal por Caiphaz, que dias antes se arvorara em seu *acusador*, permitindo-se agora a ousadia de *presidir*, na qualidade de *juiz* aos debates d'este estranho julgamento, quando todas as legislações humanas, e notoriamente a hebraica, negam ao acusador o direito de julgador monstruosidade judiciaria que o evangelista S. João regista d'um modo especial.

5.ª irregularidade: — Caiphaz presidente do tribunal, em vez de começar por formular o corpo de delicto e expôr ao pretenso reu a acusação que lhe é feita, e sobre ella fundamentar o seu interrogatorio, como exigia a lei judaica, faz a Jesus um interrogatorio capcioso com o intuito de comprometer o Justo dos Justos com a sua propria confissão, e assim se detem um homem, a quem se não imputa nenhuma especie de delicto!!!

6.ª irregularidade:— Tendo Jesus respondido a Caiphaz que a sua prégação fôra sempre publica, que interrogasse antes tantos que o ouviram ácerca dos seus ensinamentos, mereceu a um dos esbirros do synhedrio uma bofetada, quando a lei hebraica prohibia essa forma extranha de se interrogar, e mais ainda condenava tão inedita brutalidade por parte d'aquelle esbirro na presença do presidente e dos juizes do mais venerando tribunal do mundo, pois não sabemos de paiz nenhum medianamente civilisado onde os reus não contem com a protecção da lei até ao momento da sua condenação. Mas o silencio do tribunal e a impunidade concedida ao cobarde malfeitor constituem prova evidente da iniquidade dos juizes, e especialmento do seu presidente.

(Continua)

CONEGO ANAQUIM

Reflexões salutares

A Grande Semana — Semane Santa — deve ser um periodo de *tréguas* e de *meditação*. O comum dos homens não comprehende o simbolismo admiravel, o exacto significado destas cerimonias da liturgia catolica. Deixam-se impressionar pela sua *beleza exterior*, pela sua magestade, por todo um conjunto que não pode deixar de interessar os ouvidos e os olhos. Mas isto *não basta*. Aos homens de fé importa, sobretudo, penetrar o sentido das cerimonias e reviver, no seu pensamento e na sua alma, a admiravel, espantosa, unica tragedia do Calvario — a Paixão e a Morte do Homem-Deus para resgate dos pecadores e inicio duma era nova, que seria a *civilisação christã*.

—Assim, a Semana Santa tem de ser, é mister que seja, uma semana de *reflexões* e *propositos*. Exije um serio *exame de consciencia*, para nos corrigirmos e melhorarmos, a fim de vivermos uma *vida melhor*, mais em harmonia com os principios que professamos — uma *vida christã*. Visitar os templos e trajar luto na Quinta Feira Maior e em Sexta Feira Santa, por ser tradicional e de boa educação — com franqueza, é insuficiente. Quantos o não fazem até por simples e repreensiveis motivos humanos, profanando os lugares sagrados em que deviam entrar e conservar-se com o maximo respeito!... Por Deus! A nossa educação religiosa tem sido viciada por sentimentalismos doentios ou perigosos, e até por superstições deploraveis. Remediemos o mal,

com toda a solicitude e constancia. Estes dias são os mais proprios para que a nossa piedade esclarecida se manifeste, e para que as nossas almas mostrem o seu amor a Deus e todo o seu reconhecimento pelas misericordias infinitas do Divino Redentor! Lembremo-nos de que o mundo ser a a barbaria e a desordem sem a Cruz e o Evangelho. — Jesus Christo, morrendo por nós, deixou-nos um testamento que, sendo a condição da nossa felicidade eterna, o sumo bem, ainda o é do nosso bem-estar neste mundo. Amai-vos uns aos outros! Amai o proximo como a vós mesmo! Obedecer a este preceito do Salvador é fazermo-nos bons, conquistarmos essa inefavel satisfação que consiste na *paz da consciencia*. E como estes dias augustos, com as suas evocações, o seu recolhimento, as suas preces, nos inundam a alma de tranquilidades suaves e nos *impõem* uma vida regrada e honesta, reconhecendo que só a Dôr *purifica* e só a humildade *eleva*!

Meditando assim nestes dias solemnes, aos pés da Cruz e diante do Sepulcro, saibamos aproveitar os infinitos merecimentos da Paixão e Morte de Jesus, e reformar os nossos costumes, afervorar a nossa fé, multiplicar os bons exemplos, para que, soada a grande hora, o Senhor se não envergonhe de nós e tambem resuscitemos para as glorias da bemaventurança!

Zuzarte de Mendonça.

Juventude Catholica de Lisboa

No dia 3 de Abril, ás 20 horas e meia, reune na J. C. L. um Congresso dos seus nucleos parochiais, devendo presidir uma alta dignidade da Egreja.

Os trabalhos hão-de decorrer por certo, com enthusiasmo e espirito pratico.

Expediente

São já conhecidos de todos os leitores os augmentos havidos nas despesas com a imprensa. Pedimos pois, o favor de querendo dar-nos, essa forma d'auxilio, mandar pagar directamente as suas assignaturas na séde da administração d'«A União»,—Beco dos Apostolos, (á rua das Flores), n.º 6, 1.º, D., o que muito agradecemos.

BIBLIOGRAPHIA CATHOLICA

Semana Santa e Semana Paschal

Appareceu ha dias e tem tido uma procura excepcional um manual lithurgico para uso dos fieis, com as missas e oficios da Semana Maior e da Semana Paschal, cuja tradução e notas se deve a monsenhor Coelho Ferreira, mestre de cerimonias da Sé Patriarchal.

O livro, cuja apresentação material é perfeita, veiu preencher uma lacuna grande, pois os manuaes semelhantes que existiam, desde ha muito tempo estavam quasi completamente esgotados.

Bem se vê que monsenhor Coelho Ferreira é um dos sacerdotes cultos e, por isso mesmo, apaixonado da lithurgia.

E' digna do nosso maior elogio a forma perfeita como a tradução está elaborada, tanto mais que está em posição paralella ao texto latino, podendo o fiel seguir, simultaneamente, os dois textos.

As notas merecem especial menção, visto que elas resumem e explicam todo o cerimonial e o seu symbolismo fazendo ressaltar aos olhos dos leitores pontos que peal leitura poderiam ficar mais apagados.

E' um trabalho de synthese e de analyse que mereceu, justamente, a aprovação do nosso venerando Prelado.

O rev. dr. Pereira dos Reis, ao escrever o seu curial *nihil obstat*, sentiu que era pouco para o escrupuloso trabalho do Mgr. Coelho Ferreira e por isso deu ao autor o seu aplauso n'uma interessante carta.

Nós, pedindo venia a Sua Reverendissima, transcreveremos parte da sua carta ao sr. padre Coelho Ferreira:

«Louvores a Deus porque animou um tal esforço e bem haja V. Rev.ma por nos dar um livro de verdadeira e solida piedade christã, que é por ser um livro de genuina piedade catholica, um livro d'oração *lithurgica*.»

A União felicita o zeloso sacerdote e pede-lhe que continue a illustrar os fieis com os seus trabalhos de *genuina piedade catholica*.

Bem haja S. Rev.ma.

Conferencias e sermões

Acabamos de ler esta ultima publicação do rev. dr. Almeida Correia, conego da Sé de Vizeu e illustre professor.

Este primeiro volume reune uma série de conferencias quaresmaes e sermões da Semana Santa, trabalhos conscienciosos e de grandes ensinamentos, aliados á forma elegante que caracterisa a dicção do erudito sacerdote.

Os assumptos estudados nas conferencias são de momentosa actualidade.

Os sermões, ricos por todas as formas, tratam da solemnidade das Cinzas, das Dôres de Maria, dos Passos, do Enterro, do Mandato e da Ressurreição.

E' um volume digno de leitura, pelo qual nós felicitamos o seu autor.

F. M.

A Liturgia da Semana Santa

Conferencias na Juventude Catholica de Lisboa

Na quinta-feira da ultima semana e no Domingos de Ramos realisou o nosso presado amigo rev. dr. Pereira dos Reis, na séde da *Juventude Catholica de Lisboa*, duas magnificas e utilissimas conferencias sobre a *Liturgia da Semana Santa*.

Explicou o conferente o significado das principaes cerimonias que se celebram nestes dias nossos templos, o seu profundo simbolismo e as razões que devem levar os fieis ao estudo da Liturgia, para a sua compreensão. Na frase dum escritor francês insuspeito, Henry Lavedan, a Liturgia é *la grande séductrice*. Com effeito, a beleza destas solenidades impõe-se aos espiritos, ainda mesmo prevenidos, subjuga-os, e naturalmente os força ao trabalho gratissimo de conhecer a Egreja. Ora, conhecer a Egreja, conhecer a Religião, é *ama-la* e *venera-la*. Não admira por isso que o estudo da liturgia tenha sido a determinante de muitas e notaveis conversões.

Nas conferencias a que nos estamos referindo, o rev. dr. Pereira Reis acentuou a antiguidade das cerimonias e dos ritos a que assis-

timos na grande semana, e analisou minuciosamente os de Domingo de Ramos, Quinta Feita Santa, Sexta Feira de Paixão e Sabado Santo ou de Aleluia.

Em Domingo de Ramos, como se sabe, a Egreja rememora a entrada solemne de Jesus Christo em Jerusalem. Essa entrada foi um verdadeiro triumpho, e o Salvador aceitou as honras e homenagens que lhe tributavam. E' esse, e não outro, o motivo de haver montado uma jumenta branca, pois esse animal, ao tempo, era considerado nobre, e montar alguem n'ele sinal de distinção.

As nossas palmas, benzidas e depois distribuidas aos fieis, lembram as aclamações e homenagens que o Divino Salvador recebeu n'esse dia. Os judeus juncavam o solo de troncos e ramos de arvores, e agitavam-nos, em testemunho de apreço e admiração pelos seus Heroes. As cinzas das palmas de Domingo de Ramos servem para administrar-se aos fieis em Quarta Feira de Cinzas, ao recordar-lhes a Egreja que «são pó e em pó se hão de tornar».

A cerimonia do «Lava-pés», em Quinta Feira, é a perpetuação da grande scena da lavagem dos pés dos discipulos pelo Senhor, após a Ceia, em que foi instituida a Sagrada Eucharistia. Mas essa lavagem não foi manifestação de humildade. Foi mais um testemunho frisante da obediencia do Senhor á Lei, á Tradição, aos costumes. Os judeus procediam assim em prova de afecto ou apreço pelos seus hospedes, pelos seus visitantes. Outra correcção ou advertencia: não comiam sentados á meza, como nós, e por isso deixam de ter fidelidade historica quasi todos os quadros que reproduzem a Ceia. N'aquele tempo, comia-se n'uma outra posição: sentados ou semi-deitados em pequenos leitos.

Em Sexta Feira Santa, em que se celebra a Missa dos Presantificados, ha a enternecedora cerimonia da Adoração da Cruz, o instrumento da Redenção. A proposito, o orador faz advertencias interessantes e necessarias ácerca da prudencia e cautela que é preciso usar relativamente á devoção aos cravos da Paixão e aos Santos-Lenhos, pois nem todos são autenticos. Faz a sua historia, e explica que a frase *invenção da Santa Cruz*, (feita a 3 de maio) não quer dizer outra coisa senão *Encontro*, ou achado, *da Santa Cruz*, pois foi n'essa data que a imperatriz Santa Helena, mãe de Constantino, encontrou o instrumento do suplicio do Homem-Deus.

As cerimonias de Sabado Santo são particularmente belas e de um admiravel simbolismo.

O rev. dr. Reis descreve pormenorisadamente o baptismo dos catecumenos, que se realisava primitivamente em Domingo de Ressurreição, com o maximo esplendor, baptisando-se nesse dia centenas e milhares de fieis, já conhecedores de toda a doutrina por uma longa preparação. Explica o que è, em que consiste a benção da agua e a benção do lume; fala da recitação das litanias, que se faz ainda hoje, em todas as missas, em sintese, os *Kyrie*; recorda como todas essas grandes cerimonias se conservam ainda hoje, se bem que atenuadas ou reduzidas, nos nossos baptismos e por fim, comovidamente exorta os seus ouvintes e os bons fieis a interessarem-se por estes assuntos, a este estudo, e a seguirem as cerimonias da Egreja pelo seu Missal, para acompanharem devidamente o celebrante e compreenderem a sublimidade e simbolismo dos ritos. Refere-se ao esplendido livro recentemente publicado por mgr. Coelho Ferreira, que vem preencher uma sensivel lacuna e prestar relevantes serviços.

O rev. dr. Reis foi aplaudidissimo em ambas as conferencias, á primeira das quais presidiu o sr. Zuzarte de Mendonça e à segunda o sr. D. Francisco de Carvalho Daun e Lorena.

Antes de encerrar a sessão, na conferencia de quinta-feira, o sr. presidente prestou homenagem aos nossos soldados desconhecidos mortos na guerra, em palavras repassadas de comoção patriotica, que toda a assembleia, de pé aplaudiu calorosamente. A J. C. L. era uma associação de crentes e de patriotas, de rapazes que amavam a Deus e a Patria, e por isso não podia deixar de celebrar as glorias de Portugal e os heroismos dos nossos soldados, credores da gratidão e do afecto de todo o povo português, pela sua bravura, pelo seu sacrificio, pelo seu sangue derramado.

A proposito duma conferencia notavel feita pelo sr. Arcebispo de Mitylene

Na sede da Liga de Acção Social Christã tivemos ha dias o grande prazer espiritual de ouvir uma conferencia, por muitos titulos interessantissima, feita por sua Ex.ª Rev.ma o senhor Arcebispo de Mitylene, uma das mais authenticas glorias do episcopado portuguez, e uma autoridade indiscutivel em questões coloniaes, como o atesta sobejamente a sua obra notavel *Por terras de Angola*, manancial precioso da melhor documentação para o conhecimento integral das grandes riquezas que possuimos na vasta provincia de Angola.

Essa conferencia versou o problema missionario, complexo nos seus multiplos e variados aspectos, sob o ponto de vista da evangelisação christã; diga-se de passa aindagem não ouvimos discretear sobre este assumpto de tamanha magnitude com tanta competencia, com tamanho sentimento e com tanta alma, como o eminente Prelado, e antigo bispo d'Angola e Congo, que soube fazer vibrar intensa toda a sensibilidade christã dos seus ouvintes, que ficaram conhecendo a importancia e capital momento do problema missionario, como factor d'evangelisação indigena.

Aqui deixamos consignado todo o nosso reconhecimento e admiração pela lição brilhantissimas que Sua Ex.ª Rev.ma nos deu, e que nos despertou a idéa de transmitir aos leitores de *A União* o que a respeito desta magna questão pensamos e ha 10 anos escrevemos em relatorio oficial, endereçado ao ministro da marinha, do governo provisorio da Republica, afim de todos apreciarem a importancia deste problema, convencendo-nos de que em poucas palavras conseguimos mostrar que o missionario catholico é um dos mais apreciaveis e indispensaveis factores da civilisação indigena.

Eis o nosso depoimento naquela epocha:

«Snr. Ministro da Marinha e Colonias:

O Congresso Colonial Alemão que ha poucos dias encerrou as suas sessões em Berlim, e que teve a collaboração activa de viajantes, exploradores, funcionarios, medicos, negociantes e missionarios de diversas religiões, consagrou ao estudo da acção missionaria um largo debate, demonstrativo da vantagem de manter no ultramar os postos de acção civilisadora servidos pelo genio do apostolado religioso.

Os resultados do Congresso alemão são uma nova sancção ao principio adoptado por todos os paizes que teem colonias, os quaes, independentemente da orientação politica e religiosa que n'elles possa prevalecer, não se dispensam de dedicar á acção missionaria largos recursos, reconhecendo a sua necessidade na obra da civilisação indigena. A Inglaterra, que generosamente subsidia a acção missionaria, e com um espirito de tão larga tolerancia que nem distingue, para os effeitos de uma protecção efficaz, os representantes dos mais diversos cultos; a França, que exceptuou do regimen da separação as congregações consagradas ao desenvolvimento africano, entendendo sensatamente que, o que não lhe competia proteger como funcção de uma religião, lhe competia favorecer como obra de civilisação colonial; a Hollanda, cujos dominios devem em grande parte o seu magestoso desenvolvimento á acção das missões; a Allemanha, que mandou atraz do viajante o conquistador, e atraz do conquistador o pioneiro missionario, como o mais seguro, barato e eficaz agente de ocupação, são paizes de cuja obra ultramarina não pode desdenhar um paiz como o nosso, que tem a aprender ainda no exemplo dos estranhos a maneira de favorecer o desenvolvimento e expansão dos vastos dominios seus de alem-mar.

A consagração da acção missionaria consta de depoimentos tão interessantes como insuspeitos, provenientes das mais auctorizadas individualidades. Ninguem que conheça as regiões africanas e tenha assistido de perto ao lento trabalho da civilização indigena nega quão poderoso concurso tem prestado a essa civilização o elemento missionario, o mais apto para triumphar das resistencias da superstição e da excessiva desconfiança do indigena por tudo quanto altera os seus costumes e habitos primitivos. O indigena, sem contacto com a civilização, não conhece o branco senão sob a forma de guerreiro que invade os seus dominios, occupa os seus campos e estabelece o dominio da força material, sem conseguir atrahir ao convivio civilizado os povos durante seculos sepultados na ignorancia e no feiticismo grosseiro. Essa obra persuasiva, moralizadora, reformadora de costumes, feita de paz e de amor, pelos meios brandos da convicção, só o missionario a realiza, como elemento especialmente educado para esse objectivo.

Sem sair do nosso proprio paiz, poderiamos citar aqui os nomes gloriosos de Sá da Bandeira, o energico propulsor da nossa restauração colonial, de Mousinho, o heroe da moderna epopeia africana, de Antonio Ennes, o administrador modelar, de Dantas Baracho e de tantos outros que, a despeito das suas preoccupações politicas ou inclinações philosophicas, publicamente reconheceram a necessidade da acção missionaria no continente negro. Este testemunho é egual ao de milhares de viajantes e exploradores, de todas as raças, de todas as escolas, de todas as religiões, que percorreram a Africa e tiveram occasião de verificar a acção insubstituivel das missões, como nucleos de civilização, do aperfeiçoamento moral e material e do progresso agricola e industrial. Entre os testemunhos mais modernos, pois tem apenas um anno de data, conta-se o de Mr. Emile Vandervelde, o «leader» do partido socialista belga, que no seu livro «Tres mezes no Congo»—relatorio de uma inspecção pessoal ao funcionamento do antigo Estado Livre, presta a mais alta homenagem ao influxo missionario, caracterisado em obras materiaes que o assombraram e em manifestações do progresso indigena que satisfizeram a sua consciencia generosa de promotor da elevação moral da humanidade.

Um dos fructos mais importantes da acção missionaria, e que aliás só ella, por circunstancias facilmente comprehensiveis pode exercer, é a destruição da polygamia e da superstição, fontes de decadencia material e moral. No congresso allemão já citado, o Dr. Froberger faz um resumo dos prejuizos causados pela polygamia ao progresso dos povos.

Sob todos os pontos de vista, portanto, interessa a honra das nações civilizadas proseguir, por meio do missionario, na destruição dos costumes funestos ao futuro das raças inferiores, habilitando esses povos, que vivem num estado primitivo, para a partilha fraternal do magnifico banquete da civilização.

Felizmente, e por mais graves que sejam as preoccupações do mundo civilizado, nenhuma d'ellas fez esquecer, ás nações cultas, o seu dever para com as raças indigenas. As conferencias de Berlim e de Bruxellas, em que o nosso paiz tomou parte honrosa como potencia colonial de primeira ordem, ao decretar a liberdade de todos os cultos em Africa, a segurança da obra missionaria e a obrigação de protecção para as missões, sem distincção de opiniões religiosas, não só afirmou um principio já consagrado pela experiencia, o principio de que a acção missionaria é absolutamente indispensavel para a acção civilizadora entre os indigenas, como garantiu a continuidade de esforços desde muito empregados na organisação de nucleos missionarios.

O nosso paiz, que possue um extenso imperio colonial, não foi dos ultimos a comprehender estas necessidades e exigencias da situação ultramarina. As missões religiosas floresceram no territorio das suas possessões e realizaram uma obra que tem encontrado os louvores de quantos experimentalmente a conhecem».

Conego Anaquim

Lampada "NON PLUS ULTRA,"

fabricada pelo Ex-Sacristão de Celorico da Beira

Pode uzar-se tanto nas humildes igrejas como nas magestosas catedraes.

Com um litro de azeite arde de 10 e 15 dias sem se apagar e sem ser preciso mecher-lhe durante este periodo. Quereis economia, aceio e luz continua? uzae-a.

Actualmente o seu preço é sem compromisso,, franco de embalagem, taxas e franquias do correio com mechas para um anno, é de Esc. 12$00 em Portugal, 15$00 para as colonias.

Pedidos a **Abilio Alves Leitão —(Fundão).**

Com cinco ou dez tostões por mez, subscrevendo-se Titulos de Capitalisação, emitidos pela Companhia do Credito Predial, tem-se a certeza de obter, o mais tardar em 15 annos, um capital respectivamente de cem ou duzentos mil reis. Estes Titulos são sorteados mensalmente de forma que os seus portadores a partir do mez em que os subscrevam, ficam habilitados a receber o capital.

EM CARDIGOS

abrigas de velas de cera d'abelha s

Cera amarela e cera branca em grumos

PREMIADAS EM VARIAS EXPOSIÇÕES

Fundadas em 1850

Casa séria e acreditadissima, recomenda-se, em especial aos Ex.mos Eclesiasticos e corporações religiosas

Pedidos aos proprietarios

J. D'OLIVEIRA TAVARES, FILHOS

—CARDIGOS—

Assinaturas da Revista «A UNIÃO»

Por semestre. . . . . 2$50
Por ano. . . . . 5$00

Para o estrangeiro, accresce o porte do correio. O pagamento póde ser feito directamente á administração, Beco dos Apostolos, n.º 6, 1.º, (á Rua das Flores).

Recomendamos a todas as pessoas, mesmo ás menos abastadas, que queiram acautelar o futuro de creanças por quem se interessem, para se informarem na Companhia do Credito Predial como podem, por meio dos Titulos de Capitalisação, constituir capitaes a seu favor.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA { Rua do Ouro, 18 a 22 / Rua do Comercio, 136 a 140
PORTO — Praça da Liberdade, 23 a 29

Abertura proxima de Agencias em outros pontos do paiz

REPRESENTANTES EM PORTUGAL
— DO —
Banco Portuguez do Brasil
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

MEDALHAS
Do Santo Condestavel
D. NUNO ALVARES PEREIRA
Preço 500 réis
DEPOSITO NA
LIVRARIA CATHOLICA
Rua Augusta, 220-LISBOA
Grande variedade de artigos e objectos próprios — para brindes —

FITAS
Papel chimico e mais pertences para todas as machinas de escrever. — Concertos garantidos.
Artigos para escriptorio.
Preços baratissimos — Executam-se pedidos da provincia
Requisições a
F. XAVIER MARTINS
R. da Padaria, 7, 2.º

Valerio, Lopes & C.da L.da
Largo de São Julião, 22 e 23 e R. Nova do Almada, 1, 3 e 7
Telephones { C. 2778, loja. C. 3478, escriptorio
Telegramas { FERRAME
LISBOA
Armazem de Ferragens de todas as qualidades. Ferramentas para todos os officios. Chapas de ferro, preto e zincado.
Zinco, latão, cobre e estanho, cravo de ferrador marca GLOBO, arames diversos e todos os artigos referentes ao seu commercio

Sociedade Portuguesa de Administrações
Capital autorizado—5:000 contos Capital emitido—1.000 contos
Séde — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — Lisboa
Presidente honorario — **Candido Sotto Mayor**
Conselho Tecnico: José Serra Lynce, Antonio Miguel de Sousa Fernandes, Antonio Alves de Meira, José Antonio de Oliveira Soares e Dr. Joaquim Nunes Mexia.
Administração:—EFECTIVOS: Dr. Domingos Pinto Coelho, Antonio Vieira Pinto, José dos Santos Lima.
SUPLENTES: Dr. Gabriel Vitor Bugalho Pinto, Dr. Francisco Serra de Sousa e Lynce e Paulo de Artagão Correia Leite.
Conselho Fiscal—EFECTIVOS: José Antonio de Oliveira Soares, Dr. Carlos Pinto da Cruz e Melo, Dr. Afonso de Melo Pinto Veloso.
SUPLENTES: Sebastião Marques d'Almeida, Alvaro de Miranda Pinto de Vasconcelos e Henrique Augusto Ferreira.
Delegação no Porto: *Pinto & Sotto Mayor*
Agente geral no Brasil: *Banco Português do Brasil*
Correspondentes em todo o pais e no estrangeiro
Administração de bens moveis e imoveis no pais, colonias, Brasil e Estrangeiro
COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES RUSTICAS E URBANAS
Transações sobre productos agricolas
Guarda e administração de quaisquer valores e titulos de credito
Cobrança de rendimentos, juros, dividendos, amortizações, conversões.
A Sociedade aceita todo e qualquer mandato, forense ou não, relacionado com as suas operações.
CONDIÇÕES CONVENCIONAIS
BANQUEIROS:
Pinto & Sotto Mayor
Banco Colonial Português
Banco Português do Brasil

Pinto & Sotto Mayor BANQUEIROS
LISBOA — R. do Ouro, 18 a 22 e R. do Commercio, 136 e 140
PORTO — Praça da Liberdade, 28 a 29
Correspondentes no extrangeiro

Brasil
Rio de Janeiro e todos os estados do Brasil, Banco Português do Brasil e seus correspondentes.
Pará, Moreira Gomes & C.ª
Manaus, Tancredo Porto & C.ª

Hespanha
Aymonte, Lopez Oller, Martin Cordero y C.ª
Badajoz, Hijo de Arenzana y C.ª
Barcelona, Hijos de Magin Valls.
» Sociedad de Crédito Mercantil.
Valencia de Alcantara, Sucessores de Manuel Puebla.
Vigo e região gallaica, Banco de Vigo.
Madrid, Banco de Biscaya.
» Banco de Arquijo.
» *e demais terras de Hespanha*, Banco Espanol de Crédito.
Huelva, Banco Hispano-Americano.

Estados Unidos da America
Bank of New York, N. B. A.

Hollanda
Amsterdamsche Bank.

França
Paris, Banque Espagnole de Crédit.
Paris, Bordeaux, Biarritz, Havre, Nice e Marseille, Lloyds & National Provincial Foreing Bank, Ltd. e Banque Nationale de Crédit (16 Boulevard des Italiens).

Inglaterra
The British Bank of South America, Ltd.
Lloyds Bank, Ltd.
London Joint City & Midland Bank, Ltd.

Italia
Crédito Italiano

Suissa
Société de Banque Suisse et Union de Banques Suisses.

Belgica
Anvers, Banque d'Anvers.
Bruxellas, Société Générale de Belgique.

Alemanha
Dresdner Bank.
Deutsche Bank.